

Editorial

Eram cinco horas da tarde quando soaram as batidas das janelas se fechando, passos apressados, ruídos incomuns numa biblioteca universitária. Logo, o funcionário passou dizendo: “Vamos descer, estamos fechando, é ordem do Reitor.” “Mas o que aconteceu, são cinco horas?” – “São os bandidos, eles já atacaram a USP em São Paulo e estão vindo para cá. O Reitor está fechando a Universidade. Todo mundo tem de ir para casa”. Na saída da biblioteca, muita pressa, caras preocupadas, agitação. O estacionamento foi sendo rapidamente esvaziado e a fila de carros nos acessos só aumentava. Da universidade até o centro da cidade passou-se da agitação, do corre-corre e da fila para uma cidade vazia. Ninguém nas ruas, poucos carros, o comércio fechado, um quase-silêncio. Eram seis horas da tarde, horário de muita circulação e atropelo em dias comuns. Naquele dia estava tudo deserto. Havia medo no ar. As janelas dos apartamentos estavam apenas entreabertas. O medo, a ameaça, o desconhecido. Todos se refugiaram em suas casas. Os ônibus desapareceram das ruas, o melhor era não precisar sair. À noite na TV os jornais explicaram: uma rebelião de grupos criminosos nos presídios de São Paulo espalhou pânico e morte por todo Estado. O pânico comandava a formação de uma massa aberta que seguia as palavras de ordem: evacuar o recinto, dispersar, correr...

Um mês depois, os preparativos para a Copa do Mundo de futebol tomam conta do Brasil. A mesma cidade que viveu o pânico enfeita-se de verde e amarelo. Dos prédios da zona nobre aos carrinhos dos catadores de lixo, todos ostentam bandeiras, faixas, chapéus com as inscrições: Copa do Mundo, hexacampeão, Brasil 2006... Jogadores e técnicos da seleção de futebol tomam o lugar dos artistas das novelas e convertem-se nos temas preferidos nas conversas de boteco. Nova agitação toma conta das ruas, é um corre-corre. Fecha-se o comércio. Uniformizados, jovens, velhos e crianças dirigem-se decididos para suas casas ou para o ponto de encontro com os amigos. Os bares vão se enchendo de gente que fala alto, que bebe, que se abraça e que exhibe a fantasia. É um dia normal. O espetáculo começa. São duas horas de gritos e silêncios intercalados. Novamente as ruas ficam vazias, o comércio de portas fechadas. Não existe

medo, nem pânico, nem despreocupação, nem alegria no ar. O Grupo Olodum foi contratado para animar torcedores e jogadores. Há como que uma obrigação de ser alguma coisa, de ter orgulho da nossa seleção, de ver o País admirado pelo mundo, de sentir-se prestigiado. Não há alegria. Há um compromisso. Parece que foi decretado que por um mês todos os brasileiros devem ser felizes, porque a nossa seleção de futebol está jogando a Copa do Mundo. O Governador do Estado decretou que todos os órgãos públicos deveriam suspender as atividades duas horas antes dos jogos do Brasil. O Reitor da Universidade Pública deliberou que nos dias em que a seleção brasileira jogasse ao meio-dia não haveria expediente diurno nem noturno. Oficialmente a massa de brasileiros recebeu a incumbência de ser feliz com a seleção. Ouviram-se fogos, rojões, gritos histéricos, o movimento de massa em fuga, congestionamentos. A pergunta que resta agora é: Se a seleção brasileira tivesse sido campeã, teria sido possível ser feliz?

Os dois episódios recentes narrados acima ocorreram e só poderiam ocorrer em uma sociedade de massa onde o essencial consiste em entretenimento e sucesso. Uma sociedade para a qual a cultura, significando cuidado, cultivo, criação e preservação do mundo, não tem sentido. Uma sociedade que transforma um esporte, o futebol, em símbolo nacional e este símbolo nacional – arte e cultura, orgulho da nação – em entretenimento, em objeto de consumo. Uma sociedade cuja perspectiva não vai além de uma vida, como se o mundo se extinguisse com a passagem de cada um de nós por ele. Uma sociedade onde só há a satisfação pessoal, sem a satisfação – alegria – em cuidar do mundo. Pensar, pois, sobre a educação e sobre a cultura nas sociedades contemporâneas nos leva a recorrer à reflexão aguda própria do pensamento político de Hannah Arendt que, se não nos oferece uma luz ao fundo do túnel, faz-nos tomar consciência dos desdobramentos da história que estamos todos construindo. Escreveu Arendt, há mais de cinco décadas:

O fato é que a sociedade de consumo não pode absolutamente saber como cuidar de um mundo e das coisas que pertencem de modo exclusivo ao espaço das aparências mundanas, visto que sua atitude central ante todos os objetos, a atitude do consumo, condena à ruína tudo em que toca (ARENDR, 1968, p. 264)¹.

Com a preocupação constante de incitar o pensamento e a controvérsia sobre educação e sobre cultura, apresentamos neste número um dossiê que trata dos *Temas e tendências na perspectiva histórico-cultural*, cujo foco engloba reflexões sobre memória, biografias, experiências e subjetividade – sem perder de vista objetos e lugares da produção da educação e da cultura – e tem, assim,

na escola, na linguagem e nos valores, seus eixos principais.

Os textos publicados na seção *Artigos* alcançam distintos temas de interesse dos educadores. Beatriz Ferreira Pires traz um estudo sobre cinema e as modificações corporais feitas através de *piercing*, tatuagem, implantes estéticos e escarificações, além das possibilidades de criação de um elo entre realidade cotidiana e territórios míticos. Marcelo Saber Bitar trata da descentralização do estado francês e suas relações com as pressões dos estados liberais, americano e inglês. A preocupação com o uso de velhos formatos nos livros paradidáticos de língua portuguesa é a tônica do artigo apresentado pelas pesquisadoras Norma Sandra de Almeida Ferreira e Elizabete Amorim de Almeida Melo, estudiosas da alfabetização e da leitura. Marinete R. P. Mascarello e Maria Elizabeth B. de Barros discutem relações intersubjetivas e as questões de saúde de professoras de uma escola pública de Vitória, Espírito Santo.

Publicamos na seção *Leituras e Resenhas*, além das tradicionais resenhas de livros, a memória de um encontro sobre *Museologia de la educación em España* ocorrido em dois mil e cinco.

Em *Diverso e Prosa* trazemos o prefácio do livro *Vidas Imaginárias*, de Marcel Schwob, que, no início do século XX, apresenta biografias de personagens históricas ou legendárias. Ali o autor faz considerações sobre a arte de escrever biografias. Distanciado da história e aliado da literatura, afirma a necessidade de imaginação no trabalho de criação do biógrafo. “A arte do biógrafo consiste justamente na escolha. Ele não tem que se preocupar em ser verdadeiro; deve criar dentro de um caos de traços humanos.”

Agueda Bernardete Bittencourt

* ARENDT, Hannah. A crise da cultura. In: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 4. edição. São Paulo: Editora Perspectiva. 1968.